

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano III nº 8 Março - Abril de 1992

Informes

Se você costuma ler textos kleinianos, é possível que já tenha sido assaltado pelo desejo de ter a seu lado algo como o "Vocabulário da Psicanálise", só que na versão escola-inglesa.

Os conceitos especificamente desenvolvidos por M. Klein, cruzamentos com as idéias freudianas, contribuições dos pós-kleinianos.

Se foi esse o caso, boas novas: ele existe, e acaba de sair pela Artes Médicas, com o nome de "Dicionário

do Pensamento Kleiniano", muito bem organizado por R. Hinshelwood, um psicanalista inglês.

Não se trata propriamente de uma introdução, nem é um manual, mas pode funcionar muito satisfatoriamente como um auxiliar para leituras e articulações, além de remeter a novos aprofundamentos bibliográficos.

Vera Rita de Mello Ferreira

DEPOIMENTOS

Políticas de Saúde Mental - Resgate parcial dessa história. (*)

Há 160 anos atrás, por volta de 1830, um grupo de médicos iniciou um movimento popular no Rio de Janeiro com o objetivo de proteger os loucos que, ou perambulavam soltos pela rua, ou recebiam maus tratos no abandono a que eram submetidos nas Santas Casas de Misericórdia. Solicitavam a criação de um asilo onde os alienados pudessem ser tratados medicamente. Em 1852 foi inaugurado o primeiro hospital psiquiátrico brasileiro - o Hospício D. Pedro II.

Em 1991 diferentes grupos sociais - trabalhadores em Saúde Mental, instituições formativas, intelectuais, ex-internos de hospitais psi-

quiátricos, familiares de pacientes internados - mobilizam-se em torno da aprovação da "Lei Paulo Delgado" que propõe a extinção gradativa dos manicômios e a ampliação de outros serviços para atendimento ao sofrimento psíquico.

Nesse espaço de 160 anos, embora a política manicomial tenha se mantido hegemônica, diferentes experiências e produções teóricas, tanto brasileiras como de fora do Brasil, têm se constituído como alternativas a esse modelo assistencial. Interessamos retomar alguns desses momentos para melhor explicitar a partir de que lugar fazemos nossa proposta de formação.

(*) *Texto escrito, inicialmente, como fundamentação para a proposta de formação do convênio do Departamento de Psicanálise com a Secretária da Saúde.*

Editorial

Esbarramos na discussão de algumas das mesmas dificuldades iniciais.

Pensar - repensar e reafirmar nossos objetivos.

Reiterando o dito publicado nos editoriais de números anteriores.

No Boletim o critério de seleção:

O que cabe e o que não cabe?

- A função nossa não é de maquiar a fim de que não apareçam as frágeis diferenças.

O frágil pode ter a função denunciadora e a chave para o acesso do refletir.

Espaço para que se desvele a singularidade - pertinente de cada setor dentro do todo institucional.

Lugar de debate, troca, do transitar, da livre manifestação com a palavra escrita e assinada.

O Boletim como parte de um todo que é o Departamento. Um setor interligando, interligado.

Delimitando-se na construção de um contorno que lhe é próprio e o identifica.

Espaço de acesso permitido!

Múltiplo, plural onde poderá transitar a expressão dos diferentes.

E ao LEITOR cabe: integrar através do olhar - escuta - percepção, a leitura dos momentos no percurso para aproximação da história deste corpo institucional

Carlos Videira

Em 1902, cinqüenta anos depois da criação do primeiro asilo, um diagnóstico desse hospital revelava que ele se transformara numa "casa para detenção de loucos, onde não há tratamento conveniente, nem disciplina, nem qualquer fiscalização". Denunciava-se o asilo como um lugar cuja finalidade precípua era a exclusão: quase 90% dos diagnósticos referiam-se à categoria de "degenerados atípicos", rótulo que permitia a inclusão de qualquer indivíduo que se desviasse da ordem e moral vigente.

Em 1923 é fundada a Liga Brasileira de Higiene Mental que tinha como objetivo inicial melhorar a assistência aos doentes mentais através da renovação dos quadros profissionais e dos estabelecimentos psiquiátricos. Aos poucos essa proposta passa a se expandir e a intervenção terapêutica é vista como necessária não só nos asilos mas também nos meios escolares, profissionais e sociais. Prioriza-se a prevenção e a educação do povo, porém, com uma ideologia fortemente marcada pela eugenia.

Um grupo de psiquiatras opõe-se a essa proposta e desenvolve um trabalho voltado para a humanização dos asilos e o respeito ao doente mental. Entre eles está Ulisses Pernambucano que na década de 30 preconiza uma organização assistencial abrangente, com ambulatórios, hospitais abertos e atenção ao egresso e responsabiliza-se pelo gerenciamento do primeiro ambulatório do país, com atuação de uma equipe multiprofissional. Só muito mais tarde, na década de 60, se teria a implantação de outros ambulatórios públicos.

Ao fim da década de 50 a situação manicomial era caótica - superlotação, deficiência de pessoal, maus tratos,

condições de vida piores do que nas prisões - nada muito diferente das queixas com relação às Santas Casas, que deram origem à criação do primeiro asilo brasileiro e da sua avaliação em 1902. Pode-se então concluir que a proposta política revelava a mesma tendência ou seja, a exclusão.

Os movimentos reformuladores que se processavam na Europa e nos Estados Unidos, as comunidades terapêuticas na Inglaterra, o modelo comunitário

aumento maciço de doentes psiquiátricos internados na rede privada, com um perfil diagnóstico onde predominam neuróticos e alcoolistas.

Essa tendência encontrou fortes oposições. A partir da década de 70 surge uma infinidade de novas propostas que se contrapõe à política manicomial privatizante debatendo-se, também com fortes resistências.

Datam dessa época os Centros Comunitários e as primeiras equipes multiprofissionais nos Centros de Saúde. A Previdência Social, já em 1968 propunha os princípios básicos da integração, regionalização, coordenação, descentralização e aprimoramento de pessoal. Luiz Cerqueira em 1970 dizia: "haver-se-á de admitir que a execução de uma Política Nacional de Saúde Mental depende mais de uma concepção que de uma construção. A mudança que se impõe está mais na mente do técnico do que no prédio

onde trabalha ou mesmo no talão de cheques da repartição ou da empresa". Hoje pensamos que realmente é necessário mudar a mentalidade asilar dos técnicos e da comunidade mas também percebermos que as condições físicas, a política salarial, o investimento na saúde e o desejo político de mudanças são fundamentais por parte das Direções.



Aberto diariamente das 10h00 às 22h00.

Shopping Iguatemi - Piso Térreo - Tel.: 813.6552.

preventivo americano, a psiquiatria democrática na Itália, a política de setor na França ... e as produções de intelectuais que tinham como tema a loucura e a análise das instituições (entre eles Goffman, Guattari, Foucault, Castell) viriam lentamente influenciar a assistência psiquiátrica pública no Brasil.

A partir de 1964 o Estado assume uma política privatizante e até 1970 há um

Expediente

Conselho Editorial

Anna Correia, Carlos Antonio Fagury Videira, Eva Wongschowski, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Sonia Maria Rio Neves, Vera Rita de Mello Ferreira.

Produção Gráfica

AD Tecnologia Gráfica Laser

Tel. 887-0518

Impressão

Copiadora TekGraf Tel. 872-5724

Tiragem

400 exemplares

Redação, Adminis. e Corresp.

R. Ministro de Godoy, 1484

CEP 05015 Tel. 262-8024

É também Luiz Cerqueira, coordenador de Saúde Mental do Estado de São Paulo, que em 1973 põe em funcionamento a primeira emergência psiquiátrica - incluída num programa mais amplo que impedisse as internações desnecessárias. Instalada na Rua da Alegria, no Brás, teve, por ironia, pouco tempo de alegria. Foi fechada três meses depois. É dele o lamento e o alerta: "uma vez fechada a emergência,

sem outra alternativa, esperamos não chegar a ver, como administrador, abertos os portões do hospital a não ser para as altas, limitando-se as entradas àqueles com riscos maiores para si e os outros. E que haja sempre como Coordenador ou como Secretário alguém disposto a resistir às pressões". Profissionais que dentro da instituição não percam seus ideais, gostaríamos de acrescentar. E Luiz Cerqueira continua:

- "Não consideramos a experiência fracassada. Trata-se de um episódio administrativo, pois a experiência foi válida. Trouxe muitas lições e uma delas é que devemos estar muito atentos a idealizações nossas e de órgãos que muito importam para o trabalho comunitário, como os da Promoção Social e da Polícia, a serem conquistados, tratados, evitando-se confrontações e competições. A semente ficou". A essa avaliação não temos o que acrescentar.

No início da década de 80, as mudanças políticas trazem também mudanças nas propostas de Saúde Mental. O Estado diminui o número de leitos con-

veniados, amplia a rede ambulatorial, aumenta as equipes dos Centros de Saúde, implanta o primeiro Centro de Ação Psicossocial e responsabiliza-se pela formação de seus profissionais. A Prefeitura cria equipes multiprofissionais nas unidades básicas e nos hospitais gerais. Iniciam-se ações integradas de Saúde (Estado - Prefeitura) e dão-se os primeiros passos em direção à Municipalização. Mas já

A Prefeitura cria equipes multiprofissionais nas unidades básicas e nos hospitais gerais

no final da década, assistimos ao esvaziamento da rede ambulatorial e das equipes dos Centros de Saúde em decorrência, entre outros fatores, de uma política salarial extremamente perversa. Mas há serviços que sobrevivem e equipes que defendem novos projetos manifestando o desejo de poder dar sentido às suas práticas. Na Prefeitura, neste último ano, amplia-se a discussão das diretrizes de saúde e várias propostas são retomadas (centros de convivência, hospitais-dia, emergências psiquiátricas, albergues, enfermarias psiquiátricas, hospitais abertos...), incluindo-se a formação dos profissionais.

O Estado na nova gestão enfatiza a necessidade de se continuar a diminuição dos leitos psiquiátricos e propõe intervenções e destinação de novas possibilidades para os espaços asilares. Prossegue a política de formação dos profissionais e o incentivo às experiências que se desenvolvem na rede extra-hospitalar. Propostas que muitas vezes não saem dos papéis, ou que se iniciam mas acabam retomando o caminho que

se pretendia combater - jogo de contradições que revela a luta existente entre grupos diferentes dentro das instituições de saúde.

A equipe de supervisores do Departamento de Psicanálise tem participado desde 1984 deste processo formativo através de cursos, encontros, supervições clínicas e institucionais.

Ao fazermos nosso projeto de formação para 1992 retomamos as diretrizes que norteavam nosso projeto inicial. Colocávamos como prioridade a reversão do modelo hospitalocêntrico e o rompimento da mentalidade asilar. A história de que falamos acima pode ser pensada como um movimento de aproximação e afastamento em relação a essas diretrizes. No momento atual julgamos importante rememorar-la para fundamentar novos projetos, evitar repetições alienantes e resgatar ideais presentes em experiências que foram consideradas alternativas ou efêmeras.

Pensamos também que é sumamente importante, neste momento político, destacar a dimensão ética das práticas que se podem realizar numa Instituição que é Pública.

Maria Laurinda R. de Souza

Bibliografia:

1. Cerqueira, Luiz - *Psiquiatria Social* - Livraria Atheneu, 1984.
2. Costa, Jurandir Freire - *História da Psiquiatria no Brasil* - Editora Campus, Rio de Janeiro, 1971.
3. Resende, Heitor - *Política de Saúde Mental no Brasil: uma visão histórica* - 1º capítulo do livro: *Cidadania e Loucuras - Políticas de Saúde Mental no Brasil* - Coleção Saúde e Realidade Brasileira. Editora Vozes, 2ª edição, 1990.

Grupo de Estudos

Os pedidos de instituições externas ao Departamento para a formação de Grupos de Estudo e/ou Cursos de Psicanálise têm dado ao Setor, consistente material de trabalho.

Já estamos atuando em Uberaba, em "O Círculo de Estudos Psicanalíticos e Psicoterapêuticos - CIEPSI" sob a coordenação de Cleide Monteiro que conduz o Curso Terapia Infantil e em Londrina, na Universidade Estadual de Londrina, sob a coordenação de uma equipe composta por Cleide Monteiro, Mary Ono, Bernardo Tanis e Eliane Vaz Macia que conduz um Curso de Psicanálise com dois anos de duração.

No ano passado mais duas instituições entraram em contato com o Setor solicitando cursos:

1. Centro de Estudos Psicanalíticos de Barretos para um curso de Introdução à Psicanálise, a ser desenvolvido por dois anos e que já conta com 40 inscritos;
2. Núcleo Psicanalítico de Taubaté solicitando seminários clínico, teórico e supervisão sob o tema Complexo de Édipo e Castração, que terá a duração de cinco meses e servirá como projeto piloto para um programa mais extenso no próximo ano.

As tarefas principais do Setor para este segmento são:

1. Entrar em contato com as instituições demandantes, analisar a proposta de trabalho, avaliar se o Departamento pode e quer assumir tal proposta e responder à instituição.
2. Se aceitamos a proposta, o grupo de membros do Setor interessado em "atividades externas" se reúne para formular o programa que será oferecido: textos, tipo de seminário, encaminhamentos, horas de trabalho necessárias, número de psicanalistas responsáveis, honorários, orçamento de custos, etc. .

Esta atividade em grupo é rica e prazerosa, através dela pretendemos processar, além do programa em si, o lugar do coordenador de grupos de transmissão em Psicanálise.

Além destes grupos externos, estaremos oferecendo um grupo de estudos interno destinado a Membros do Departamento e potenciais Membros (alunos, ex-alunos e professores do Setor Curso que não estejam vinculados ao Departamento), com o tema Narcisismo na Clínica Psicanalítica, sob a condução de Cleide Monteiro.

Aguardem maiores detalhes na divulgação específica.

Dos grupos autogeridos que acontecem no Departamento, já contamos com a vinculação ao Setor do grupo que trabalha sobre o tema "Sexualidade Feminina", onde participam as psi-

O objetivo é que seja um Fórum contínuo de discussões que propicie a implementação de idéias e desenvolvimento de estudos

canalistas: Daisy M^a Ramos Lino, Eliana Marcello de Felice, Inês Gazeta, Lourdes Tisuca Yoname, Marli Ciriaco Vianna, Valdelena Storti Beraldo (fone para contato 62-1936).

O funcionamento básico do Setor está assentado sobre o Fórum: reunião mensal de trabalho que acontece toda segunda 4^a feira do mês, às 20:30hs, sala 5. As próximas reuniões serão nos dias 08/04, 13/05 e 10/06 - onde cada segmento do Setor informará sobre seu andamento e as questões que têm surgido na consecução das suas atividades. O objetivo é que seja um Fórum contínuo de discussões que propicie a implementação de idéias e o desenvolvimento de estudos para a execução de projetos que visem dar conta da formação permanente do analista, sob a ótica da transmissão em Psicanálise.

São coordenadores do Setor: Cleide Monteiro, Maria Lucia Bersou, Tera Leopoldi e Rubens Trucco.

M^a Antonieta Whately

Clínica

Por que devemos interromper os atendimentos ?

- "... após quase 10 anos de terapia, é a primeira vez que alguém me oferece um divã ..."

Este trecho foi extraído de uma sessão terapêutica, em atendimento ocorrido nesta Instituição. O que essa fala significa para um paciente, que já passou por diversas terapias e terapeutas aqui no Sedes?

Talvez só possa fazê-lo expressando os sentimentos de angústia, tristeza e perplexidade

Após quase dois anos de trabalho semanal com este analisando, me pergunto porque neste momento, em que há uma análise claramente em curso, devo interromper este tratamento?

Seria por se tratar de um paciente cronicado na Instituição, ou talvez porque vivesse complicações relativas à sua vida social, ou mesmo ainda por se tratar de uma análise aonde o tema pagamento aparece no lugar do sintoma?

Ao me deparar com esta avalanche de questões que considero inerentes à própria análise desta pessoa no Sedes Sapientiae, reconheço a direção apontada, que é a da continui-

dade do atendimento. De onde vem, então, a paradoxal necessidade de interromper este trabalho ? Percebo bem que a análise deste, e de vários outros pacientes da Clínica, está acontecendo, que os divãs estão sendo ocupados e que é possível psicanalisar aqui. No entanto, observo que isso é insuficiente para que esta atividade prossiga.

Angustia-me verificar as dificuldades a enfrentar a interrupção do atendimento. Não há, por exemplo, para onde encaminhar o paciente. Porém a decisão de parar com os atendimentos, no meu modo de ver, é de natureza clínica, visto que as interferências sofridas na prática, em função do entrecruzamento com as diversas variáveis institucionais, obstruem a escuta.

A interrupção deixa sim, uma marca, denunciando questões fundamentais para a existência da Clínica de Psicanálise:

Qual o lugar desta Clínica no Sedes?

- O que significa ocupar a função de Psicanalista dentro desta Instituição?
- Por que se faz necessária a remuneração destes profissionais?

Colega, são cerca de quatro anos de investimento e de trabalho. Não sei se fui clara ao transmitir

este momento crítico, pelo qual a equipe da Clínica se encontra. Talvez só possa fazê-lo expressando os sentimentos de angústia, tristeza e perplexidade diante de tal panorama.

Deixamos rastros, que assinalam nossa passagem e sinalizam os próximos passos. Dialética tão bem retratada nos inspirados versos do poeta A.Machado:

"... Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar.
Ao andar se faz o caminho
E ao se olhar atrás
vê-se a senda que se deixou e
que nunca se há de voltar a trilhar
Caminhante não há caminho ..."

Joelle Gordon

Nota: Os atendimentos dos pacientes vinculados ao Setor Clínica, do Departamento de Psicanálise estão interrompidos, mas a equipe permanece processando com a Instituição e o Departamento a possibilidade de permanência e continuidade deste trabalho.

Eventos

Notificamos que a programação completa de eventos para 1992, ainda está em processamento.

Abril

Em função das repercussões com os eventos do ano passado - tema base "violência" - decidimos dar continuidade às discussões surgidas nesses encontros. Assim a programação organizada pela comissão de Eventos se inicia com uma maratona sobre o tema: "Aids - Um Problema de Todos".

Mesa Redonda:

Wilson Campos Vieira - psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise e professor do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Drauzio Varella - médico oncologista.

Vera Paiva - psicoterapeuta, professora da USP, coordenadora do Núcleo de Estudos para prevenção da AIDS.

Data: 03/abril/1992 - 6ª feira

Horário: 20:30 horas - Auditório do Sedes Sapientiae.

"Reflexões sobre a Clínica"

Data: 04/Abril/1992 - sábado

Horário: 9:00 às 10:00 hs. - Exibição de vídeos

10:00 às 11:30 hs. - Troca de experiências clínicas

12:00 às 13:00 hs. - Plenária

Destinado: Psicanalistas

Maio

Marcelo Viñar - Psicanalista, membro da associação psicanalítica uruguaia, autor do livro "Exílio e Tortura", cujo lançamento de São Paulo coincidirá com sua vinda.

Haverá uma conferência sobre o tema da violência, um seminário teórico que abordará questões referentes à Clínica Freudiana. Os temas, horários, salas, serão divulgados oportunamente.

Junho

Mesa redonda

Tema: Minoridade

Participantes - a confirmar

A idéia de organizar esse evento vem de encontro às expectativas dos profissionais da área de saúde mental, entre eles os psicanalistas. Cada vez mais nos deparamos, na Clínica, com as conseqüências, diretas e in-

diretas dessa doença que atingiu pontos nevrálgicos da sociedade: sexualidade, morte; medos e tabus milenares de epidemias. Hoje, o Brasil ocupa o 3º lugar no mundo em número de casos.

A questão nos atinge não só como profissionais de saúde, como também enquanto "cidadãos", preocupados com o que diz respeito à preservação da vida.

Espaço Aberto

Maio:

Atendimento Psi na Universidade - experiência de três meses na Universidade de Lausanne-Suíça. Apresentador: Mauro Hegenberg
data: 07 de maio
horário: 21 hs.
sala: 3

Junho:

O caso Hermes: a dimensão política de uma intervenção psicológica em creches.
Apresentador: David Calderoni
data: 05 de junho
horário - 21hs
sala: 3

Comunicamos que a agenda do "Espaço Aberto" está aberta aos colegas membros do Departamento de Psicanálise.

Contato - Setor de Eventos Adriana de Bona - 240.4333 (cons.) 815.8394 (res.).

Nota: O texto de Renato Mezan, foi discutido pelos membros de *Percurso* há algum tempo. Logo abaixo temos o texto de Mania S. Deweik escrito a partir desta discussão, e também levado ao conhecimento do grupo inclusive de Renato Mezan, portanto os dois textos e sua publicação no Boletim são de conhecimento prévio de ambos os autores.

Publicações I

Sobre as Funções de um Conselho Editorial

Após sete números de *Percurso*, a equipe que produz a revista do Departamento está passando por algumas modificações, ampliando o número de seus integrantes e liberando algumas colaboradoras de primeira hora (Janete, Sílvia e Renata). Por "equipe que produz a revista", designo tanto o Conselho Editorial quanto a antiga Comissão Administrativa, cujos esforços no sentido de viabilizar a revista devem merecer nosso respeito e nossos elogios. Esta forma de operar, útil durante os primeiros números, deixou de ser funcional; o "grupo da revista", atendendo a críticas e sugestões, preparou relatórios que foram amplamente divulgados, participou de um "espaço aberto", e destas múltiplas discussões surgiu a atual configuração, que conta com um número bem maior de integrantes (cerca de vinte).

Estas modificações são, a meu ver, salutares e benéficas. Contudo, o primeiro Conselho Editorial, com a saída de três de seus integrantes, ficou reduzido a três pessoas: Miriam, Kitty e Renato. É evidente que a tarefa de editar a revista não pode

ser realizada por um número tão reduzido de colaboradores; torna-se

O AMERICA EXPLICA:

É simples. Entregue este cupom no America do Shopping West Plaza, e receba 15% de desconto na sua conta.

Este desconto vale para toda a mesa.



VALE PELO SABOR DO AMERICA
SHOPPING WEST PLAZA
Rua do B - 3º andar

Maitre _____

necessário recompor, pelo menos, o número de seis membros do Conselho Editorial. Em âmbito interno, discutimos muito como proceder a esta recomposição: por convites? por algum tipo de seleção? por adesão voluntária de quem quisesse participar? Tendo em vista as particularidades da tarefa editorial e o momento pelo qual estamos passando no Departamento, pensei que poderia contribuir para a discussão procurando precisar o que, em minha opinião, deve ser um conselho editorial, e, mais particularmente, o que deve ser o conselho editorial da revista *Percurso* pelos próximos anos.

Algumas considerações gerais parecem-me adequadas para introduzir esta discussão. Em primeiro lugar, *Percurso* tem algumas características próprias, que convém explicitar. É uma revista de qualidade razoável, tanto graficamente quanto do ponto de vista científico. Somos um grupo, no Departamento, de apenas algumas dezenas de pessoas: cerca de 150 membros, ou pouco mais. A maioria de nossos membros é de jovens analistas; a geração dos fundadores do Curso

tem entre quarenta e cinquenta anos. Estes dados são fundamentais para compreendermos o papel de uma Revista dentro do Departamento: ela deve servir de veículo para a criação e para a expressão de um pensamento psicanalítico que nos distinga como grupo de analistas, mas este pensamento está longe de ter sido consolidado. A postura do Departamento, de abertura e diálogo entre as várias correntes que constituem hoje o campo da psicanálise, precisa ser refletida nas páginas da revista, ao mesmo tempo em que esta deve incentivar a escrita e a produção dos membros do Departamento.

Estas são metas fáceis de enunciar, mas difíceis de cumprir: sabemos que nossos membros, como a maioria dos analistas brasileiros, escrevem relativamente pouco, muitas vezes com dificuldades e tendo de vencer inibições variadas.

Isto significa que não é possível, no momento, contar apenas com as colaborações "internas"; para sustentar seu padrão de qualidade, a revista necessita de artigos enviados por pessoas de fora do Departamento, e esta realidade vem de encontro a uma postura de respeito e de abertura para o que se produz, em geral, na psicanálise atual. Mesmo que tivéssemos uma produção escrita excelente e abundante, creio que seria de nosso interesse permanecer abertos a colaborações externas, desde que compatíveis com o que pensamos e com o que desejamos aprender.

A tarefa do Conselho Editorial é primordialmente de incentivo e de seleção. Selecionar trabalhos é o que faz qualquer comissão editorial, de qualquer revista científica, em qualquer lugar do mundo. Este trabalho é habitualmente realizado por assessores, que lêem os textos e dão um parecer inicial. Esta leitura costuma ser individual, e o parecer do assessor, na maioria das revistas com as quais já tive oportunidade de colaborar, no Brasil e no Exterior, é habitualmente aceito pelo Editor. Este é o procedimento corrente, e desta forma se evita uma série de inconvenientes, dado que, assim como nós do Sedes, assessores de outras revistas também dividem seu tempo entre várias ocupações. Estas práticas talvez não sejam conhecidas por muitos de nossos membros, mas são comuns e nada têm de discriminatório.

No caso de uma revista como *Percurso*, porém, não procedemos assim.

Este grau de impessoalidade e objetividade na seleção de trabalhos enviados não convém a uma associação tão pequena como a nossa. Além disso, nós do Conselho Editorial também sofremos desta doença crônica do Departamento, o *medo de delegar*: sofremos como

delegados e como delegantes. Como delegados, recebemos pressões dos que nos escolheram; pressões às vezes saudáveis, na medida em que expressam discordâncias respeitadas, e pressões às vezes destrutivas, nascidas do receio de que tomemos o freio nos dentes e imponhamos sabe-se lá que ditadura implacável como delegantes, já que afinal somos membros do Departamento, somos incapazes de confiar no critério de um único membro da comissão, e, frequentemente, mesmo no de uma dupla. Isto significa que a maioria dos artigos recebidos são lidos *por todos* os membros da comissão, e discutidos minuciosamente em reuniões prolongadas. A irracionalidade de semelhante procedimento, óbvia se pensamos que, em cada número de *Percurso*, são lidas e discutidas de 500 a 800 páginas de trabalhos enviados, é por outro lado compensada por uma solidez de julgamento que nos tranquiliza quanto ao que decidimos publicar. A título de informação, posso dizer que, dos mais de cento e cinquenta artigos recebidos desde o primeiro número, apenas uma vez nos dividimos três a três, três membros favoráveis à publicação do trabalho e três absolutamente contrários. Em *todos* os outros casos, e são já várias dezenas nestes três anos, houve consenso quanto à recusa ou à aceitação de determi-

nado trabalho. Este simples fato, repito, compensa o caráter laborioso de nossa forma de trabalhar.

Com que critérios são selecionados os artigos. Eles foram descritos no relatório da Comissão Editorial que circulou há alguns meses; não são difíceis de enumerar. Quali-

dade do pensamento, qualidade da escrita, postura não-arrogante e não-dogmática do autor, respeito pelo caráter conjectural das hipóteses próprias e alheias, postura ética no tratamento do material clínico, conformidade com os princípios básicos da discussão teórica em psicanálise e em qualquer outra disciplina, interesse do texto para os LEITORES da revista, são os que me ocorrem como evidentes. Em cada um destes tópicos, o trabalho submetido para publicação pode ser mais consistente ou menos; é o conjunto deles que nos faz optar pela publicação ou pela recusa. Neste assunto, a tarefa da comissão é exercer o julgamento para o qual foi designada, e muitas vezes este exercício não é coisa simples. Contudo, devemos reivindicar absoluta autonomia para efetivá-lo: neste ponto, o "pavor delegandi" tem de ser conjurado, pois não é possível fazer o que é preciso em regime de assembléia permanente ou consultando a cada momento as instâncias superiores do Departamento. Ou a Comissão Editorial goza da confiança geral dos membros do Departamento, e neste caso seus critérios devem ser respeitados e acatados, ou ela não goza desta confiança, e neste caso deve ser substituída sem delongas. Neste terreno, não há meio termo.

A tarefa do Conselho Editorial é primordialmente de incentivo e de seleção

O outro papel do Conselho Editorial é o de incentivar a produção escrita dos membros do Departamento; produção escrita, porque somos uma revista e não um fórum oral. Eis aqui algo que não é fácil de ser realizado. A formação acadêmica da maioria de nós não favorece o aprendizado nem da pesquisa nem da escrita, e tanto a pesquisa como a escrita são coisas que se aprendem. Ninguém nasce sabendo escrever de forma legível e precisa. Na impossibilidade de abrimos um curso acelerado de redação psicanalítica, o que temos feito é ler cuidadosamente o material que nos é enviado, e quando cabível fazemos sugestões que nos parecem pertinentes. Esta decisão tem suscitado

reações contraditórias por parte dos autores. Alguns contestam a validade deste procedimento; outros aceitam as sugestões ou algumas delas, e

recloram seus textos em graus variáveis; outros ainda ouvem polidamente e retiram o material, deixando-o na gaveta ou encaminhando-o a outras publicações. Aqui as opiniões divergem, e posso apenas expressar a minha, alicerçada em alguma experiência como autor e como LEITOR.

Penso que, assim como o psicanalista experiente pode ganhar com uma supervisão de seu trabalho clínico, para não falar dos que começam no métier, o autor, mesmo experiente, só tem a ganhar com uma política editorial rígida. Rígida aqui significa - não tenhamos medo das palavras - exigente quanto à

qualidade do que vai ser publicado, não para censurar o pensamento alheio, mas para ajudá-lo a encontrar sua melhor expressão. Esta tarefa de um Conselho Editorial não pode ser descuidada, sob pena de a revista deixar de ter qualquer interesse para os LEITORES. Se pensar já é difícil, exprimir correta e claramente o que pensamos, respeitando as complexidades do objeto estudado e as normas da gramática portuguesa, é coisa ainda menos simples. Textos às vezes prolixos ganham com uma concisão maior; textos às vezes telegráficos precisam ser mais detalhados; argumentos iniciados por vezes não recebem a conclusão adequada; os exemplos não ilustram aquilo de que pretendem

ser exemplos... A lista de problemas que um texto pode apresentar, mesmo se interessante, mesmo se escrito por alguém competente na

clínica ou no ensino, é infindável. Neste sentido, um Conselho Editorial deve ser realista e ponderado: realista no tocante ao nível do que seja um "bom" texto - não é preciso ser Proust ou Freud para escrever em Percurso - e ponderado no tocante ao que pode ser solicitado de um autor, sem colocar-lhe exigências impossíveis de serem cumpridas. A história também nos ajuda aqui: creio que, ao longo destes anos, o atual Conselho Editorial cometeu alguns erros nesta área, e espero que tenhamos aprendido com eles. Erros nos dois sentidos: publicar alguns trabalhos que poderiam ser melhorados, e não publicar ou-

tros, por requerer dos autores modificações demasiado extensas ou simplesmente inoportunas. Mas só se aprende errando, e, no balanço geral, minha opinião é de que os textos aceitos apresentam qualidades que efetivamente recomendavam sua publicação.

Uma outra forma de incentivar a escrita dos membros do Departamento é encomendar artigos sobre temas determinados, quando se sabe com antecedência que encontrarão, ou poderão encontrar, lugar num dos próximos números. A forma com que outras revistas fazem isso é a de proporem números temáticos e pedir a determinadas pessoas, de quem se sabe que se interessam pelo tema, que apresentem um artigo até a data tal. Até este último número, Percurso não quis seguir este modelo, julgando que uma revista de Departamento deveria abrigar os artigos que lhe chegassem espontaneamente, desde que respondessem aos critérios e padrões da Revista. O número 7, sobre "violência", foi um número temático, e é preciso refletir sobre esta experiência. O tema foi escolhido por ter sido o tema dos Eventos e por ter sido proposto como tópico de reflexão mais ou menos geral durante o ano de 1991. Independentemente do conteúdo específico, creio que temos a ganhar com a proposta de números temáticos, pois com eles a articulação com outros setores do Departamento pode ser mais intensa, e é possível evitar os atropelos de última hora com traduções, resenhas, encomenda de trabalhos, etc.

Mas isto já é um assunto para ser discutido pela Comissão Editorial...

Alguns contestam a validade deste procedimento; outros aceitam as sugestões ou algumas delas

Quero concluir estas reflexões resumindo meu ponto de vista. Penso que um Conselho Editorial deve ser composto por pessoas com reconhecida capacidade para julgar textos, posto que é esta a sua tarefa essencial. Esta capacidade pode ser desenvolvida com a experiência - e todos nós aprendemos muito nestes anos - mas ela é sem dúvida nenhuma o requisito essencial, sine qua non, para pertencer a este setor de nossas atividades. Tal capacidade deve estar associada à de poder trabalhar em conjunto e admitir críticas à opinião formada, em vista do consenso que tem sido nossa norma de trabalho. Uma vez reunidas num Conselho Editorial, estas pessoas devem fazer aquilo

para o que foram escolhidas, a saber, selecionar os trabalhos enviados e ajudar seus autores, quando membros do Departamento e quando dispostos a tanto, a aprimorar sua escrita e a participar nas melhores condições possíveis do debate psicanalítico contemporâneo. Fazer isto não é dar prova de arrogância ou de poderes tirânicos auto-concedidos, mas simplesmente executar com bom senso e com auto-crítica aquilo para o que fomos originalmente escolhidos: editar uma revista da qual possamos nos orgulhar e que seja nosso veículo de expressão enquanto membros do Departamento de Psicanálise.

Para tanto, é preciso vencer algumas resistências em nós e em nosso modo de funcionar, às ve-

zes demasiado hesitante, demasiado principista, demasiado propenso a levantar barreiras e suspeitas no caminho dos que estão fazendo alguma coisa. Mas este é um vício do Departamento que transcende a questão do Conselho Editorial; discutí-lo fica para uma outra vez. Apenas é preciso ressaltar que a função desta equipe, seja quem for que a constitua, implica tato e firmeza na execução do seu trabalho, e que a condição essencial para que este trabalho possa ser executado é manter em atividade a capacidade de discriminação e a vontade de, solidariamente, estimular nossos colegas a escrever... e a enviar o que escrevem para nossa Revista.

Renato Mezan

Publicações II

O Outro Lado da Moeda

O texto de Renato Mezan "Sobre as Funções de um Conselho Editorial" vem bem a calhar: tenho insistido em inúmeras reuniões internas e em Assembléias do Departamento a necessidade de reformularmos o modo de funcionamento da equipe

que produz Percurso. Com a entrada de novos membros esta reformulação é tarefa prioritária.

Na medida em que apela para a lógica e o bom senso, para a confiança e ponderação o texto produz um primeiro efeito de adesão e concordância: "... é isto mesmo, Renato está coberto de razão..." e parece que não haveria nada a acrescentar.

Tomado isoladamente, desencarnado do contexto institucional e práti-

co, o texto aponta para uma situação ideal na qual um grupo de pessoas seria designada para uma tarefa para a qual se acharia capacitada e que deveria realizar a contento: editar uma revista.

O exercício desta tarefa tem, no entanto, produzido efeitos dentro do próprio Conselho Editorial, dentro da equipe e dentro do Departamento de Psicanálise. É deles que quero falar.

Na medida em que apela para a lógica e o bom senso, para a confiança e ponderação o texto produz um primeiro efeito de adesão e concordância

Pertenço ao grupo que edita *Percorso* desde os seus primórdios, desde quando a revista não passava de um vago desejo de alguns membros do Departamento de ter um espaço de expressão de seu pensamento psicanalítico. Particpei ativamente de todas as discussões e de todo o trabalho que deu origem aquilo que hoje é *Percorso*.

No início, como é de conhecimento da maioria dos membros do Departamento, o grupo funcionava como um todo a partir do qual, por motivos operacionais, nos dividimos em duas Comissões: Conselho Editorial e Comissão Administrativa. Trabalhei na Comissão Administrativa e como representante do Setor de Publicações na Comissão Coordenadora Geral do Departamento por um período de 4 anos. Menciono todos estes dados com o objetivo de salientar que, apesar de engajada, apesar de compartilhar da idéia geral deste Departamento de ter uma publicação, vejo-me às voltas com questões bastante contundentes. Estas podem até ter uma resposta clara para os membros do Conselho, mas não suficientemente ventiladas na equipe e nem no Departamento, motivo pelo qual creio que os membros se beneficiariam de vê-las ao menos enunciadas claramente. São elas:

1. Afinal, a quem se destina *Percorso*?
2. Quem são nossos interlocutores? A quem o Conselho Editorial

pensa estar se dirigindo quando seleciona os textos?

3. Qual público queremos atingir?
4. O que nos distingue enquanto Psicanalistas desta Instituição? Além do fato de concordarmos com os princípios gerais que regem o Departamento, como nos reconhecemos do ponto de vista teórico?
5. *Percorso* tem servido, de fato, como instrumento de expressão deste grupo?
6. Em que *Percorso* é diferente de outras publicações congêneres?
7. Que lugar ocupamos dentro do panorama da psicanálise brasileira? Pode-se falar de uma psicanálise nacional da qual *Percorso* seria uma evidência?
8. Sou LEITORA de *Percorso* e reconheço a qualidade dos artigos nela publicados bem como o cuidado e o empenho que o Conselho Editorial tem em compor edições harmônicas e com gabarito, mas que linha editorial é esta?

Alguns dos temas aos quais estas questões aludem foram objeto de discussão nos idos de 1987, na época da fundação da revista e é possível que, para aqueles que se dedicaram (e se dedicam) à tarefa de leitura e seleção dos textos, tais te-

É hora de colocarmos nossa cara para dentro e isto significa aproveitar este momento privilegiado

mas constituam a matéria-prima com a qual lidam no seu cotidiano editorial. No entanto, tanto para os membros da Comissão Administrativa que se distanciaram desta problemática pela natureza de seu trabalho, quanto para os recém-chegados, uma retomada destas proposições viria bem a calhar.

Durante estes 4 anos de trabalho nossos esforços têm se concentrado em produzir a revista, respeitar os prazos previstos de lançamento e tentar torná-la conhecida. Não foi pouco, custou-nos muito, e eu diria que temos conseguido a duras penas, colocar timidamente nossa cara para fora. O tímido aí não se refere apenas ao fato de sermos marinhos de primeira viagem, nem às dificuldades administrativas que são várias (impossibilidade de dar recibo às livrarias o que dificulta a divulgação, esquema de destruição precário, a crise financeira, a dificuldade de conseguir patrocínios o que nos coloca numa dependência total em relação ao jornalista responsável, etc, etc, etc) mas às questões que eu definiria como estruturais e ideológicas e que acabo de enumerar.



Rua Haddock Lobo 1393 Cep 01414 São Paulo Tel. 64-4776

É hora de colocarmos nossa cara para dentro e isto significa aproveitar este momento privilegiado para formarmos um grupo de trabalho, uma equipe na verdadeira acepção da palavra onde um debate amplo possa se realizar permitindo a todos apoderarem-se do projeto da revista e circular pelas diversas funções que a compõem.

Saliento que indagar sobre a especificidade e características de nosso público, não significa fazer uma pesquisa de mercado a fim de detectarmos ou criarmos a necessidade de mais um objeto de consumo e assim montarmos uma estratégia de venda que o viabilize.

Saber quem lê *Percurso* e quem gostaríamos que a lesse possibilitaria desenvolver e fomentar campos de interesse e pesquisa através dos quais o pensamento psicanalítico tanto teórico quanto clínico pudesse germinar, frutificar e ser divulgado. É óbvio

que qualquer que seja a linha editorial escolhida ela reflete, necessariamente, a experiência teórica, didática, prática, vivencial dos membros que compõem o Conselho num dado momento. É preciso porém que ela reflita o pensamento coletivo

do Departamento, o movimento e o trabalho dos diversos Setores. Deveria ser explicitada e compartilhada pelos membros da equipe que produz a revista num primeiro momento e pelos membros de Departamento num segundo momento.

Por exemplo, a recomposição do Conselho Editorial seus critérios, suas prioridades, suas características teriam sido uma excelente possibilidade de abertura para uma discussão com toda a equipe e que se perdeu na medida em que foi realizada apenas em âmbito interno.

É fato que o Conselho Editorial, deva julgar textos, entendendo-se por isto a função de avaliar, apreciar, decidir, ter uma crítica, selecionar. Na minha opinião Renato tem, de fato esta "reconhecida capacidade", é excelente orador e brilhante teórico da Psicanálise. A capacidade se adquire, se desenvolve, se estimula, mas e o reconheci-

mento? Como fazer para reconhecer tal capacidade nos Membros de Departamento? Quem pode e deve reconhecer quem? Lembro que reconhecer significa re-conhecer. Conhecer em si e depois no outro e nisto pode residir o perigo de ficarmos só na primeira parte: o auto-conhecimento e o conhecimento dos iguais. Quanto à tarefa de estímulo à escrita, até o momento esta função não tem sido realizada tanto quanto seria desejável devido a uma série de prioridades de implantação do projeto da revista e a tentativa de consolidá-la enquanto realidade. Estas foram metas que nos propusemos com as quais concordei em gênero, número e grau e que justificaram as vicissitudes de nosso modo inicial de funcionamento. Neste momento de reestruturação urge tornar possível esta função de estímulo à escrita sem cairmos no eufemismo de "um curso acelerado de redação psicanalítica".

Viabilizar este objetivo deslocaria a reivindicação de autonomia e confiança (que no meu entender o Conselho nunca deixou de ter) para uma conversa aberta sobre os projetos desta revista - discutiríamos portanto idéias e não quem as produziu. Isto permitiria também acolher os membros que acabam de se juntar a nós e preparar futuros colaboradores para compor o Conselho que teria sempre à disposição e num esquema de rodízio pessoas prontas a exercer tais funções.

Last but not least, e por falar em pavores, outro que ronda nosso Departamento em geral e nosso Setor em particular é o do trabalho administrativo e burocrático que é considerado chato e pouco engrandecedor. É sempre útil salientar que por mais que contratemos pessoas gabaritadas para as funções administrativas, que montemos um esquema eficiente

e uma sólida estrutura executiva sempre sobrarão tarefas administrativas que deverão ser executadas pelos psicanalistas do Setor. Estes trabalhos deveriam circular assim como os demais dentro da equipe a fim de evitarmos a cristalização de pessoas ou grupos numa função só. Parece-me muito bem vinda uma proposta que apareceu numa das últimas reuniões de *Percurso* de

discutirmos em conjunto alguns textos que não foram publicados na revista. Esta é uma possível via de tornar reais algumas idéias que aqui expus, de estabelecer um trabalho conjunto que nos transforme em equipe.

Mania S. Deweik

Publicações III

Percurso - Uma Revista Brillhante

Percurso é a revista de Psicanálise mais bonita que eu conheço. Há vinte anos acompanho a publicação de

Uma leitura requer tanto domínio instrumental, como projeto particular

revistas e jornais da Argentina, do Brasil e algumas francesas, em especial. Portanto, a minha afirmação de beleza da *Percurso* certamente seria compartilhada por muitos psicanalistas. Desde já esclareço que sou o correspondente em Porto Alegre da *Percurso*, portanto, sou o suspeito número um para fazer afirmações elogiosas. Na minha crítica destacarei inicialmente os aspectos que considero positivos e depois o que considero os pontos cegos do seu Conselho Editorial.

Decidi escolher o número 5/6, um número duplo, editado no primeiro semestre de 1991 para comentar. Entre tantos

artigos destaco alguns, pois seria impossível num comentário curto, opinar sobre cada matéria.

O primeiro texto é do psicanalista Luís Carlos Menezes escrevendo sobre o "Homem dos Ratos e a Questão do Pai". Com muita felicidade Menezes vai analisando a famosa questão do Pai, que é fundamental na introdução do sujeito no mundo simbólico. Recordo um livro de Jean Laplanche intitulado "Holderline e a Questão do Pai", que acredito não ter sido traduzido ainda

para o português. No final do texto o colega escreveu: "Na trama do complexo paterno encontramos, pois, como elemento dinâmico da neurose, ora amor, ora ódio, ora desejo pelo pai, elementos difíceis de articular no complexo de Édipo, a menos que, talvez, se comece pela distinção entre, de um lado, o par *amor-ódio*, inerente a qualquer relação ao objeto que, sendo "não-eu" (um outro portanto), é o eterno rival de "mim mesmo como objeto de amor" e, de outro, a noção de *desejo* e de seu correlato, a *interdição*." Como vimos, o gaúcho formado em Paris, atualmente radicado em São Paulo, autor do texto, o Dr. Luís Carlos Menezes elabora com criatividade, questões difíceis da clínica psicanalítica.

O segundo "Algumas considerações sobre as entrevistas preliminares, demanda de início de análise", como o próprio título expressa, é um texto clínico, do que acontece no nosso

cotidiano, na nossa segunda casa, às vezes até a primeira, que é o nosso consultório.

"Leitura de Freud" escrito por Luís Hornstein é de leitura imprescindível para todos os LEITORES de Freud. Tive a felicidade de me supervisionar com o Dr. Hornstein e sempre fiquei impressionado com a sua capacidade de ser um teórico vigoroso, portanto, LEITOR atento e um clínico por excelência. "Uma leitura requer tanto domínio instrumental, como projeto particular. Ambos são necessários para tomar por conta própria a presença do texto sem confundir-se com ele. Essas são condições para que uma leitura desenvolva todas suas possibilidades e seja então produtiva." Como é possível deduzir da leitura deste trecho, o autor, seguindo Laplanche defende a correta tese de fazer trabalhar o texto.

"Sugestão - transferência: os relatos clínicos de Freud". Título difícil,

O processo de reconstrução e elaboração em uma análise é a tentativa de encontrar uma melhor forma de habitar a própria história

sendo amado". Outra pérola interessante é a que segue; "o processo de reconstrução e elaboração em uma análise é a tentativa de encontrar uma melhor forma de habitar a própria história".

"A ordem simbólica, a devoração e o infanticídio", escrito pela psicanalista francesa Monique Schneider, publicado no seu livro "La parole et le incesto", 1980. Esta psicanalista francesa que esteve recentemente em São Paulo, escreve sobre o Seminário II de Jacques Lacan, o Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. Sempre dignos de estudo os psicanalistas franceses que, não sendo lacanianos, escrevem estudos e críticas a quem é ainda considerado um dos filhos mais ilustres do Grande Pai, que foi Sigmund Freud.

O texto mais longo da revista é o que leva o título de "Angústia, em Angústia, de Graciliano Ramos", escrito por Adélia Bezerra de Menezes - professora, Dra. da Teo-

mas texto claro tendo pérolas como estas: "a paciente que ama o analista demanda ser amada por ele, já que quem ama perde parte do seu narcisismo e só pode compensá-lo

ria Literária da USP, UNICAMP - que não só é o maior como talvez um dos mais impactantes. A criatividade neste exercício interpretativo é possível perceber no seguinte trecho do texto: "Sabemos, através das páginas de **Infância** (e isso valendo-nos do pressuposto de que Luís da Silva é o menino de **Infância** tornado adulto em **Angústia**), que essa criança teve um relacionamento dolorosamente frustrante com a mãe. Enquanto a descrição do pai era a de alguém "terrivelmente poderoso, e essencialmente poderoso", e estava sempre "acumulando energia para gritos medonhos" (**Inf.**, p. 29), a mãe era "uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, bossas na cabeça mal protegida por um cabelinho ralo, boca má, olhos maus que em momento de cólera se inflamavam com um brilho de loucura. (**Inf.**, p. 16). Dificilmente uma descrição de mãe poderia ser mais amarga. E se é verdade, como Freud propõe, que no "romance familiar" a criança, sentindo-se negligenciada, inventa pais mais interessantes, aqui se dá uma dolorosa inversão: é a mãe que atribui ao filho a pecha de enjeitado, e isso através de uma alcunha de infância."

A leitura mais entusiasmante deste número talvez seja a entrevista que Ana Maria Sigal fez em Buenos Aires com Jean Laplanche e destaco uma passagem que considero fundamental:

Percurso:

- Que pensa o senhor da psicanálise que interpreta os fenômenos sociais e culturais?

Laplanche:

- Este é um campo muito importante do pensamento psicanalítico; é um campo que não é de aplicação, mas certamente um campo de descobrimento e investigação. No estudo dos fenômenos culturais, a psicanálise não traz do exterior seus conceitos, mas aprende com esses estudos. O trabalho sobre a cultura é um trabalho tão nobre como o trabalho na clínica. É um campo de investigação que traz elementos fundamentais à teoria psicanalítica.

Está aí em poucas linhas, uma mina de ouro na qual tenho buscado trabalhar. Quando Laplanche afirma que o trabalho sobre a cultura é tão nobre como o da clínica, e que é um campo de investigação que traz elementos fundamentais à teoria psicanalítica, creio que está referindo-se ao que estou tentando definir como a **poética na psicanálise**. Infelizmente, Laplanche escreveu

sobre Holderline e depois esqueceu da poética para dedicar-se a um trabalho, que também considero fundamental, que é o do marceneiro que busca trabalhar a madeira, que, neste caso, é a obra de Freud.

Lamento que a entrevista tenha sido tão curta, são três páginas e como LEITOR despertou-me o desejo de seguir o pensamento daquele que considero um dos mais brilhantes psicanalistas da atualidade.

No final da revista estão as Leituras, comentários de livros: Noemi Moritz Kon (Noni) escreve sobre "As cidades invisíveis" do sempre instigante Ítalo Calvino. Célio Garcia escreve sobre o "Mal Radical em Freud," de Garcia Roza. Renato Mezan comenta "Para início de conversa", de Cyro Martins/Abrão Slavutzky. Mezan descobre uma frase de Cyro Martins que é uma pérola que confesso não ter-me apercebido: "A gente fala em matar saudades, porém eu creio que se trata mais de remexer nas lembranças, como quem aspra as cinzas do borrinho para se deliciar com o brilho das brasas".

Após tantos elogios, algumas críticas, que espero ajudem ao Conselho Editorial, afinal sou um correspondente só no papel. Percurso é uma revista muito paulista para o meu gosto. A grande maioria dos artigos são da poderosa e sempre colonizadora São Paulo. Se o objetivo da Percurso é ser uma revista de psicanálise brasileira já não

está na hora de abrir seus horizontes?

Apesar da beleza da revista é preciso cuidar mais do texto, do conteúdo, pois nós psicanalistas normalmente escrevemos mal. Percebi na leitura algumas falhas de composição e uma das mais graves é escrever Laplace em vez de Laplanche. Isto é como um lábio bonito, bem pintado, mas um pouco borrado. É preciso melhorar a revisão.

Percurso faz sua história através de um curso por vezes sinuoso, mas que avança a passos firmes. Aconselho aos colegas que façam assinaturas, escrevendo para Rua Ministro de Godoy, 1484 - Perdizes - CEP:05015 - São Paulo.

Se possível tratem, de conseguir o nº 5/6 e o número 7, onde há um texto sobre o ódio do Doutor Luís Carlos Menezes, colega que vem produzindo muito bem. A capa da Percurso feita por Léo Lagnado é digna de destaque.

Percurso vem do latim *percursus*, que quer dizer ato ou efeito de percorrer. Espaço percorrido. Trajeto. Movimento. A revista tem feito jus ao seu título porque tem percorrido uma trajetória difícil neste Brasil Colôrida, evidentemente desbotado. Portanto, felicito à Comissão Coordenadora do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e ao Conselho Editorial da revista.

Abrão Slavutzky

Notas

Para maiores informações retire cópia do documento "Sinopse da Reunião de 11/12/91" na Secretaria do Departamento.

1. O Departamento de Psicanálise recebeu uma carta da FAPESP que reconhece e elogia o evento "Se-

minários e Conferências de Monique Schneider", que financiou parcialmente.

2. Verificamos que no Boletim de dezembro de 1991, apesar das revisões feitas, ocorreram muitos erros ortográficos. Estamos atentos.

3. A semestralidade do Departamento em abril pode ser paga em duas vezes: em 05/05/92 e 05/06/92. Maiores informações com Rose.

4. Contribuições dos alunos para o Boletim - aguardamos.

CLASSIFICADOS

Renato Mezan

Comunica o novo endereço de seu consultório:
Rua Amália de Noronha, 198 - Perdizes
Tel. 881.4851

Grupo de Estudos

A Transferência em Freud e na Escola Inglesa
Rua Maranhão, 584 - cj. 73 - Higienópolis
Edna Matosinho de Pontes

Leonor Zulmira de Azevedo Pires
Lurdes Ferreira Coutinho
Maria Laurinda Ribeiro de Souza
Tera Leopoldi

Comunicam o novo endereço de seu Consultório:
Rua Mainá, 67 - Vila Nova Conceição
Tel. 61.7820

ANUNCIE

Continuamos solicitando anúncios que permitam a viabilidade do Boletim.